

DIFERENTES TEXTOS E (CON)TEXTOS NA ALFABETIZAÇÃO

FLÁVIA FERREIRA DE CASTILHO (UNIGRANRIO), VALÉRIA MONÇÃO VASCONCELLOS (UNIGRANRIO).

Resumo

Este trabalho busca refletir sobre a importância do gênero textual poesia na prática de alfabetização desenvolvida, sobretudo, com crianças. Nas últimas décadas, com o avanço das pesquisas no campo da alfabetização/letramento, descobrimos que a aprendizagem da língua não é uma questão de memória, mas de cognição e que a escrita é um objeto da cultura, e não um produto escolar. As contribuições oriundas do campo da psicologia, sobretudo de Emilia Ferreiro, provocaram importantes mudanças paradigmáticas no campo da alfabetização, mas concordamos com Magda Soares quando afirma que, ao se privilegiar a faceta psicológica da alfabetização, obscureceu-se sua faceta lingüística – fonética e fonológica. Para Soares (2004) é preciso reinventar a alfabetização retomando sua especificidade lingüística, sem que isso represente um retorno aos métodos tradicionais, e destacar a importância de que esta se desenvolva num contexto de letramento. Acreditamos que esta especificidade da alfabetização pode ser retomada/explorada com textos da cultura em que está inserida a criança, de variados gêneros, como as histórias infantis, lendas, parlendas, quadrinhas, histórias em quadrinhos dentre outros e, destacamos como fundamental, o trabalho com os textos que possibilitem a exploração das rimas. A partir desta perspectiva objetivamos desenvolver em nossos alunos o gosto pela leitura e escrita em uma articulação dinâmica possibilitando-os descobrir não só as regras do funcionamento da escrita, mas sua função social.

Palavras-chave:

Alfabetização, Letramento, (con) textos.

Diferentes textos e (con) textos na alfabetização

O presente artigo busca refletir sobre a importância de diferentes gêneros textuais na prática de alfabetização desenvolvida, sobretudo com crianças.

Nas últimas décadas, com o avanço das pesquisas no campo da alfabetização/letramento, descobrimos que a aprendizagem da língua não é uma questão de memória, mas de cognição e que a escrita é um objeto da cultura, e não um produto escolar.

Porém apesar da produção mais recente sobre o tema e de muitos encontros e debates que buscam discutir a alfabetização e os problemas relacionados à dificuldade das crianças em aprender a ler e escrever; é forçoso reconhecer que em várias práticas escolares a alfabetização ainda se encontra dissociada do letramento tendo como única função a decifração do código, no nosso caso, alfabético.

Para compreendermos melhor o cenário atual faz-se necessário abrir um diálogo com o passado a fim de entendermos as raízes históricas que embasaram e ainda embasam tais práticas.

Historicamente o processo de construção da leitura e escrita como parte inicial de uma educação sistemática, desde o período da conquista do Brasil pelos portugueses, visa atender aos interesses do grupo de poder, excluindo e marginalizando as classes menos favorecidas.

O ensino era realizado através de métodos tradicionais que ensinavam a partir da apresentação das letras e dos seus respectivos nomes (método da soletração ou alfabético); a apresentação dos sons unidos as vogais (método fônico), e também das famílias silábicas (método silábico).

Sobre estes métodos Carvalho (2008:22) afirma que os mesmos são característicos de um tempo em que "a maior parte da população era analfabeta e eram poucas as exigências sociais em termos de leitura, a soletração não buscava dirigir a atenção do aprendiz para os significados do texto, muito menos formar leitores, pois só trabalhava com palavras soltas".

No final do século XIX, surgem os métodos globais que consistem em iniciar o ensino da leitura através de unidades amplas como histórias para chegar às frases, depois as palavras e por último às letras e sons, mas sem perder de vista o texto original.

Estas práticas fizeram surgir novas discussões, novas cartilhas foram lançadas, com textos prontos que deveriam ser utilizados sem preocupação com as diferenças culturais que envolvem o processo de educação. Muitos professores passaram a criar uma metodologia mista que consistia em misturar os métodos analíticos e os sintéticos.

Entrecruzando os caminhos da alfabetização, nos deparamos com diversos autores que defendem as idéias mecanicistas e/ou construtivista em sua trajetória de alfabetizador. Que opção fazer? É necessário neste momento praticar um caminho que seja prazeroso para quem vai ler e quem vai estimular esta leitura - o professor.

Se entendermos que a escrita alfabética é um produto cultural, seguindo as idéias de Vygotsky, os professores, como membros mais experientes da cultura, devem

auxiliar os alunos a prestar atenção, analisando e refletindo sobre os pedaços sonoros e escritos das palavras.

A grande mudança conceitual ocorre nos anos 80, com as contribuições oriundas do campo da psicologia, sobretudo de Emilia Ferreiro, que provocaram importantes mudanças paradigmáticas no campo da alfabetização; segundo os pressupostos desta autora o ato de ensinar deslocou-se para o ato de aprender a aprender, por meio da construção de conhecimentos pelos próprios educandos. Portanto neste processo o educando é visto como agente dinâmico e participativo do processo ensino- aprendizagem.

Comungamos com Emília Ferreiro, que segue os pressupostos de Piaget e Vygotsky que defendem uma alfabetização mais contextualizada.

Nos dias de hoje, sabemos que um indivíduo plenamente alfabetizado é "aquele capaz de atuar com êxito nas mais diversas situações de uso da língua escrita. Dessa forma, não basta apenas ter o domínio do código alfabético, isto é, saber codificar e decodificar um texto:

Assim como nós educadores, as crianças vivem mergulhadas em situações de letramento em seu dia-a-dia, mas nem sempre conseguimos explorar este universo múltiplo de possibilidades... São planos a cumprir, a rotina invade a sala de aula e o tempo que resta é só para avaliar e acentuar o analfabetismo de nossas crianças... O que fazer? Como estar mais atentos à riqueza presente nas narrativas das crianças para buscar transformá-las em excelente material de trabalho com a língua? E nosso próprio letramento? Como não nos perdermos como leitores e escritores...

É necessário conhecer a diversidade de textos que percorrem a sociedade, suas funções e as ações necessárias para interpretá-los e produzi-los. O processo de alfabetização ocorre durante toda a escolaridade e tem início antes mesmo de a criança ingressar na escola. Implica em tomar como ponto de partida o texto, pois este é revestido de função social e não mais as palavras ou sílabas sem sentido. O professor deve buscar um vocabulário que tenha realmente significado para a turma, isto é, que faça parte das suas experiências de vida...

Além da escrita espontânea, o trabalho com modelos também pode ser respeitado, já que esses possibilitam às crianças compararem suas hipóteses com o convencional, através de listas de palavras de um mesmo campo semântico (brinquedos, jogos prediletos, comidas preferidas, personagens de livros e gibis, nomes dos alunos da classe, de frutas, etc.). Através das parlendas e de outros textos, as crianças, hoje, podem ampliar suas concepções e progredir na aquisição

da base alfabética, como na compreensão de outros aspectos (a grafia correta das palavras, o uso de sinais gráficos, etc.).

Simultaneamente, os diversos tipos de texto necessitam aparecer como objeto de análise, propiciando aos alunos diferenciá-los, conhecer melhor suas funções e características particulares. Para que isso ocorra, é essencial que saibam interpretá-los e escrevê-los. A expressão pessoal (bilhetes, cartas, diários, receitas culinárias, etc.) deve fazer parte do trabalho do professor, no entanto, deverá vir acompanhada pela escrita de outros textos, inclusive a poesia.

Um exemplo que gostaríamos de compartilhar, a fim de trocar experiências e promover a reflexão sobre o uso da poesia em classes de alfabetização advém da nossa prática.

Trouxemos para sala de aula o poema musicado por Bia Bedran.:

"Perdi meu anel no mar"

*"Perdi meu anel no mar
Não pude mais encontrar
E o mar me trouxe a concha
De presente pra me dar
(...)*

*Parou na gùela da baleia
Ou foi no dedo da sereia
Ou quem sabe, um pescador
Encontrou o anel e deu pro seu amor."*

A escolha desta música veio da satisfação percebida nas crianças toda vez que a colocávamos para tocar...

Assim seguimos os pressupostos de Gerbara(1997), ao definir quatro momentos que norteariam nossa rotina em sala de aula ao trabalharmos com a linguagem poética.

Para esta autora o primeiro momento seria o da leitura contemplativa sensibilizando as crianças para as sensações e emoções que a música desperta.

No segundo momento situamos a autora e a obra.

O terceiro momento foi marcado por um contentamento geral, quando passamos a analisar o poema, brincamos de falar palavras que rimassem com mar, anel e amor. Depois utilizamos estas palavras formando outras frases que pudessem rimar. Uma aluna construiu:

"Gosto do sol e do mar

pena que não sei nadar".

Assim verificamos que as crianças perceberam a composição do poema no espaço, na estrutura do texto em estrofes e no seu aspecto fônico, na organização dos sons.

Nosso quarto momento, ainda de acordo com Gebara(1997) foi realizado com a síntese do poema, onde as crianças fizeram desenhos seqüenciados que recontaram a história.

Destas atividades iniciais outras se seguiram onde incluímos até um passeio para ver de perto o mar e a praia, os desdobramentos foram diversificados e ricos, provocando nos alunos o interesse por este tipo de escrita então após este nosso primeiro encontro com a poesia, fomos instigados a novos momentos, seguindo estes passos, as crianças conheceram o texto "Vamos brincar de poesia?" do autor José Paulo Paes; " Ou isto ou aquilo" de Cecília Meirelles e ainda cantigas, parlendas e adivinhas.

Terminamos este artigo com algumas incertezas, mas também com a crença de que a escola deve estar atenta a fim de recuperar o conteúdo lúdico que os poemas oferecem.

De acordo com Averbuck(in Souza, 2004: 65):

"A criança das séries iniciais pode, por meio da poesia, exercer sua imaginação decompondo textos, relacionando o poema a outras formas de expressão, ouvindo-os e repetindo-os, descobrindo seus paralelismos, reinventando-os."

Reinventando textos a criança pode reinventar sua própria história, de acordo com Souza, a poesia favorece a liberdade de criação, libertando o "eu", mostrando espaços ainda não conhecidos. A este pensamento complementamos dizendo que poesia é arte, é possibilidade de criação e nas palavras de Fayga Ostrower:

"Criar é tão difícil ou tão fácil como viver. E é do mesmo modo necessário."

Referências Bibliográficas

E. Ferreiro e A. Teberosky. Psicogênese da língua escrita. Artemed,1999.

_____, Maria Helena. Alfabetizar e letrar: um diálogo entre teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FERREIRA Emilia. Com Todas as Letras, Ed. Cortez.

FERREIRA Emilia. Passado e Presente dos Verbos Ler e Escrever, Ed. Cortez.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 41ª ed. São Paulo: Cortes, 2001.

GERBARA, Ana Elvira Luciano. "O poema, um texto marginalizado". In: BRANDÃO, H. et alii. Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos. São Paulo : Cortez, 1997.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 1993.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MIGUEL, Emilio Sánchez. *Reflexões sobre a alfabetização*. Revista Pátio, A. 9, n. 33, fev/abr 2005

PIAGET, J. e GRECO, P. Aprendizagem e conhecimento. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

SILVEIRA. M. I. M. *Análise de Gênero Textual: concepção sócio-retórica*. Maceió: EDUFAL, 2005.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. 128 páginas.

SOUZA, Renata Junqueira de. " Leitura e Alfabetização: A importância da poesia infantil nesse processo" in "Caminhos para a formação do leitor, São Paulo: DCL, 2004.

VYGOTSKY, L. - Pensamento e linguagem. SP, Martins Fontes, 1988.

VYGOTSKY, Leontiev, Luria. - Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. SP, Ícone, 1988.